

## **DONO DE MINH'ALMA\*** **o exercício do poder disciplinar nas sociedades industriais modernas sob a ótica de Michel Foucault\*\***

João Nunes de Cerqueira Filho\*\*\*

Este trabalho nasceu de uma inquietação: por que somos tão voltados e devotados ao trabalho? Por que nos deixamos guiar, acriticamente, pelo relógio como se ele fosse o mensageiro de algo (ou alguém) que nos impele contra o ócio, a “perda de tempo” e a “vadiagem”? O que (ou quem) seria esse algo (ou alguém)? Responder a estas questões, porém, demandaria um esforço filosófico que fugiria ao propósito da monografia, sem falar do risco de nada mais acrescentar ao já dito por brilhantes filósofos e sociólogos que trataram deste aspecto da sociedade industrial moderna.

Abandonei, então, os **porquês** e, tomando como pressuposto a existência desse fenômeno, passei a tentar responder ao **como** ele se dá.

Como, ou através de quais processos disciplinares se cria na subjetividade do trabalhador uma certa “disposição” em aceitar e internalizar os elementos disciplinares da dominação em todas as fases de desenvolvimento do capitalismo moderno? Esta seria a questão dita de forma mais geral.

Para entender melhor estes processos, procurei estudá-los à luz dos conceitos de Michel Foucault<sup>1</sup>. Para ele, nas sociedades modernas existem técnicas disciplinares sobre os indivíduos que se diferenciam das utilizadas nas sociedades pré-capitalistas e é invocando o exercício do poder como possuidor de uma eficácia produtiva, de uma riqueza estratégica, uma positividade, que podemos entender seu exercício nas sociedades industriais modernas. Ao contrário do poder soberano ou de gládio que agia no sen-

---

\* Esta frase foi largamente usada pelo operador industrial Nelson Haroldo, ao se referir aos chefes e gerentes. Queria expressar o sentimento de que, devido ao excessivo controle exercido, por aqueles, já não se pertencia, já não tinha vontade própria. Utilizo a mesma expressão para designar, aqui, o poder disciplinar.

\*\* Resumo do Trabalho apresentado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

\*\*\* Aluno do curso de Ciências Sociais da FFCH/UFBA e operador industrial da Petrobrás-RLAM.

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

tido de retirar a vida, mutilar o corpo inutilizando-o, como era característico das sociedades pré-capitalistas, o exercício do poder nas sociedades contemporâneas é mais sutil, não procura mutilar o corpo, castigá-lo, forçá-lo a trabalhar, ao contrário, procura moldá-lo, adestrá-lo, gerir a vida do homem, controlá-lo em suas ações para que dele seja extraído o máximo de produção, diminuindo sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens, enfim, tornando os homens dóceis politicamente e úteis economicamente.

A análise do poder, sob esta ótica, não o admite como algo que tenha uma essência ou uma natureza que possa ser explicada como um todo, através de suas características universais. Enquanto Marx analisa o poder numa visão macro, estruturando-o, principalmente, pelas relações de propriedade, Foucault procura analisá-lo nas suas formas díspares, heterogêneas, em constantes transformações, privilegiando ambientes circunscritos como as escolas, fábricas, hospitais, etc. Na “epiderme” do poder, os poros, sob a lupa da análise foucaultiana tornam-se crateras, e é no interior desta capilaridade ampliada que ele procura entender o poder como uma prática social construída historicamente e não como algo retido na mão de alguém ou de uma classe.

As técnicas do poder disciplinar se sustentam em quatro “pilares” fundamentais: o controle do **espaço**, do **tempo**, a **vigilância** e a **norma**.

A **disciplina** enquanto **controle do espaço**, é a técnica da distribuição dos indivíduos, a determinação de espaços fechados, esquadrihados e hierarquizados. Sob esta idéia distingue-se claramente onde começa a fábrica e onde ela termina; onde começa o lar e onde ele termina, etc. A primeira técnica para esse **esquadrihamento** é a **cerca**, que é a especificação de um lugar heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Neste sentido, a fábrica parece claramente um convento, uma fortaleza, uma cidade fechada. Os vigilantes só abrem o portão no horário determinado e todo acesso posterior a esse horário e toda saída antecipada deve ser justificada quando não proibida. Mas esse princípio de **clausura** não é suficiente nem indispensável às disciplinas. “Estas trabalham o espaço de maneira muito mais flexível e mais fina” (FOUCAULT, 1977, p.131) daí a necessidade de uma outra técnica: a do **quadriculamento** que consiste em colocar cada indivíduo em seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Individualizar ao máximo, evitando as distribuições por grupo.

Com o **controle do tempo**, o objetivo é produzir o máximo no menor tempo e com eficácia. Tudo em seu tempo certo: hora de lazer é lazer; hora de trabalho é trabalho. Os operários se submetem a um rígido controle dos seus movimentos que determina a hora exata do começo (bater o ponto do trabalho), de sair para refeição e de largar o trabalho. Os empregados são enquadrados em “fábricas - conventos”. Mas esse contro-

le de horário não é o mais importante do ponto de vista da disciplina, importa mais a imposição externa de um ritmo coletivo e obrigatório definindo uma espécie de “esquema anátomo-cronológico do comportamento” (FOUCAULT, 1977, p.138). A decomposição do ato (trabalho) em seus elementos faz com que o importante não seja somente o resultado final do trabalho, ou puramente sua eficácia. Mas deve-se ter a idéia de que um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente. O simples cumprimento do horário tem como princípio o não desperdício, a não ociosidade ou evitar a desonestidade econômica. Já os objetivos do controle disciplinar do tempo são mais sutis, porém mais profundos: visam forjar a idéia da possibilidade de através de uma organização interna cada vez mais detalhada poder-se tender para um “*ponto ideal em que o máximo de rapidez encontra o máximo de eficiência*” (FOUCAULT, 1977, p.140)

Em terceiro lugar, a disciplina é obtida através de uma intensiva **vigilância**. Esta é sempre sutil, fragmentada e contínua, operando-se de todos para todos, sendo exercida anonimamente e sentida individualmente. A própria arquitetura das fábricas ainda hoje conserva um modelo que permite que o “olhar hierárquico” funcione como um transformador ou modelador de indivíduos. É a técnica das grandes vidraças transparentes e da elevação das salas daqueles que têm como função modelar pelo olhar. “*Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo. Forma maravilhosa.*” (FOUCAULT, 1979, p.218).

Essa interiorização, talvez seja a principal característica da vigilância, pois faz com que ela opere de todos para todos, formando uma rede não só do alto para baixo mas também de baixo para cima e lateralmente. Por ser intensa e permanente, a vigilância faz com que o poder disciplinar seja absolutamente indiscreto, pois está em toda parte, controlando até mesmo os que são encarregados de controlar. Por outro lado, é suficientemente discreto pois funciona em silêncio, primordialmente pela sutileza do olhar.

Finalmente, a disciplina se dá através da **normatização**. A norma é mais sutil que a lei, justifica sempre o exercício anônimo da coerção, quando se impõe sobre as circunstâncias, agindo como sujeito abstrato a exercer o poder<sup>2</sup>. Além disso, estabelece de forma rígida os limites de ação e competência de cada indivíduo. Não se faz o que se sabe ou quer, nem, às vezes, o que é necessário fazer. Todos têm de se ater ao que está prescrito na norma.

Além de prescrever e sistematizar os procedimentos, a norma institui as sanções. “*Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno*

<sup>2</sup> É comum, numa fábrica, invocar-se o cumprimento de certa ação pelo simples fato de ser normatizada. Seria “*a norma por ela mesma*”. Como o ideal moral kantiano.

*mecanismo penal*' (FOUCAULT, 1977, p.159). Esse caráter repressor se efetiva, por um lado, pelas micropenalidades normativas que pune atrasos, ausências, negligência, falta de zelo, desobediência, etc., através de penalidades prescritas e, por outro lado, através de processos sutis que vão de privações ligeiras a pequenas humilhações ou gozações (chacotas).

Na presente comunicação<sup>3</sup>, analisando uma indústria de processo contínuo, procuro identificar como estes elementos se evidenciaram e se entrecruzaram nas principais formas históricas de exercício do poder disciplinar na indústria, que são: o taylorismo, o fordismo e, mais recentemente o toyotismo ou “modelo japonês”.

No taylorismo e no fordismo, além da nítida separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, há uma predominância do **esquadri-nhamento** do espaço, sendo que no período fordista havia uma espécie de *welfare state* empresarial que permitia que os salários diferenciados, a assistência médica privada e outros benefícios negociados com os sindicatos agissem como elementos que teriam de ser recompensados com uma postura disciplinar adequada e um comprometimento esperado.

No toyotismo ou “modelo japonês”, a principal inovação prometida pela *GQT* (Gestão pela Qualidade Total) em relação ao sistema proposto por Taylor é o rompimento da separação entre trabalho intelectual e trabalho manual. A “gerência participativa” permitiria que os empregados discutissem seus próprios métodos, tornando-se co-gestores do processo de trabalho, garantindo, assim, a sua satisfação e comprometimento.

O trabalho de pesquisa empírica mostra, porém, que os principais elementos modeladores da disciplina, nesta forma de gestão, são decorrentes de uma nova noção de espaço, tempo, vigilância e norma imposta, principalmente, pelo desenvolvimento tecnológico e a automação. O “espaço virtual da informação”, a “aceleração do tempo”, o medo do desemprego estrutural, etc., são elementos que atuam na subjetividade do trabalhador deixando-o mais fragilizado e inseguro, mais “receptivo”, portanto, às mudanças impostas. Explicando um pouco melhor: o espaço analisado por Foucault era o espaço físico, a cela de uma prisão, uma oficina, leitos de um hospital, quartos de um convento, etc. Este espaço continua e ainda hoje é útil para a disciplina. Faz com que cada um se reconheça e reconheça o outro. Porém, este espaço foi ampliado. O espaço crítico de que podemos falar agora é também esquadrihado e quadriculado. Só que nele as divisórias não separam salas nem são de bloco e cimento, dividem o espaço virtual da informação e são feitas de senhas de acesso - resultado do crescente processo de automação. Quanto mais a senha dá acesso à in-

<sup>3</sup> Monografia apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-UFBA, para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

formação mais seu detentor ocupa um espaço fundamental na hierarquia e na malha do poder. Isolar-se neste espaço privilegiado se dá, hoje, de forma muito mais eficaz: a sala virtual do chefe, trancada por uma combinação pessoal de números, não pode ser acessada por três acanhadas batidinhas na porta e um cerimonioso pedido de licença, como se fazia no passado.

O aumento e a rigidez da disciplina fabril ocorre na mesma medida da eficácia desse novo **esquadrinhamento**. Ele permite um melhor isolamento: o indivíduo isolado e sem acesso à informações privilegiadas (fundamental hoje nas relações de poder), torna-se fragilizado e inseguro, mais fácil, portanto, de ser controlado.

Quanto à nova noção do **tempo** pode-se observar que a idéia do *just-in-time*, o emprego generalizado dos computadores, o uso das novas tecnologias de controle eletrônico e todo um outro aparato técnico disponível, levaram ultimamente a uma aceleração do tempo. David Harvey, chama a esse fenômeno: “aceleração do tempo de giro do capital”. O certo é que o tempo morto, se não foi eliminado pelo menos foi bastante minimizado no processo industrial. Tudo nos parece chegar em tempo real, dando-nos a impressão do encolhimento do espaço e a sensação de vivermos na época do “tudo ao mesmo tempo agora”. Se o maestro a impor o ritmo no taylorismo era o cronômetro, o maestro atual é o **pentium 133**. (o velho(sic) 286 já nos irrita). Para os trabalhadores, tudo isso implicou uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho.

Uma das principais conseqüências dessa “aceleração” do tempo foi, segundo, Harvey:

Acentuar a volatilidade e a efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas.

No domínio da produção de mercadorias, o efeito primário foi a ênfase nos valores e virtudes de instantaneidade (alimentos e refeições instantâneos e rápidos e outras comodidades) e da descartabilidade (xícaras, pratos, talheres, embalagens, guardanapos, etc.). A dinâmica de uma sociedade do “descarte” começou a ficar evidente já nos anos 60. Ela significa mais do que jogar fora bens produzidos (criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo); **significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser.** (HARVEY, 1992, p258) (grifo meu).

Essa volatilidade torna extremamente difícil qualquer planejamento a longo prazo, gerando grande instabilidade emocional. Não posso deixar de inferir que esta instabilidade contribui muito para uma aceitação passiva

do processo de desfordização, ou seja, do consentimento da perda gradativa das conquistas do período hegemônico ou fordista.

Quanto à vigilância, com o advento da micro-eletrônica os olhos se multiplicaram. Acabou o espaço privado e o tempo de puro lazer. O celular nos encontra na praia, no *camping*, no trânsito. As empresas distribuem *bip's* e telefones que localizam os empregados fora da jornada de trabalho.

A paranóia do sentir-se sempre vigiado recomenda prudência no agir. Instala uma espécie de medo, um medo infantil de uma criança que sabe que nunca está sozinha, está sempre com Deus cujo olhar não respeita qualquer obstáculo, nem mesmo as paredes do banheiro. Impossível não realizar-se uma espontânea associação entre o “olhar” eletrônico e o olhar humano. Cria-se a sensação, já aludida anteriormente, de se estar sempre vigiado ou de poder sê-lo a qualquer momento.

Consolida-se a associação entre as novas tecnologias e as antigas técnicas do poder disciplinar no empreendimento de tornarem-se cada vez mais “dono de minh'alma”.

A idéia da norma também foi modificada. O registro tornou-se mais importante. A maneira de fazer, de agir, de proceder, tem de ser minuciosamente detalhada e padronizada para que se torne uma referência unificadora. Não há o que inventar ou criar. Os trabalhadores são levados a copiarem, para si, a “linguagem de máquina” pela qual agem os micro-computadores: obedecem comandos sucessivos, linha após linha, de forma tal que, com poucas variações, todos têm de pensar e agir da mesma forma.

A Qualidade Total requer padronização e as idéias e exigências difundidas pelos organismos internacionais tipo ISO 9000 ajudam a consolidar a prática do agir padronizado. Os registros detalhados das formas padronizadas de fazer implicam no surgimento de um novo saber que se volta sobre o trabalhador sob forma de norma institucionalizada, fazendo com que, na busca da “Qualidade Total”, esteja presente, de forma intensa, a relação indissociável entre poder e saber.

Estas são, no meu entender, as novas formas assumidas por estes quatro “pilares” disciplinares que, ao se transformarem, reelaboraram a forma de exercício do “poder disciplinar”, criando, assim, um novo homem, que apesar de fragilizado e inseguro, reluta em entregar, a quem se arvora dono, o que lhe é mais íntimo: sua própria alma.

A combinação destes novos elementos é que estrutura, hoje, a disciplina fabril.

**PALAVRAS-CHAVE:** trabalho fabril; gestão do trabalho; subjetividade operária; dominação; normas sociais; processo de trabalho.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, Ricardo.

1995. **Adeus ao trabalho?** Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez.

DRUCK, M. G.

1995 **Terceirização:(des)fordizando a fábrica:** um estudo do Complexo Petroquímico da Bahia.1995. Tese (doutorado em sociologia) - Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

FOUCAULT, Michel.

1974 A verdade e a Forma Jurídica. **Caderno da PUC/RJ**. série letras e artes - jun. 1974 n.16. Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel

1977 **Vigiar e punir**.13. ed. Rio de Janeiro: Vozes.

FOUCAULT, Michel

1979 **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal.

GRAMSCI, Antônio.

1989 **Maquiavel, A Política e o Estado Moderno**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HARVEY, David.

1992 **Condição pós Moderna**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola,.